

## As mitologias resistem / *The mythologies resist*

Vera Lucia de Carvalho Casa Nova\*

Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1968), mestrado em Teoria da literatura(Poética) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978) e doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990),em Semiologia.

Recebido em 09 dez. 2019. Aprovado em: 03 dez. 2019.

### Como citar este ensaio:

CASA NOVA, Vera. As mitologias resistem. *Revista Letras Raras*, Campina Grande. v. 8, n. 4, dez. 2019, p. Port. 112-117 / Eng. 101-106. ISSN 2317-2347

### RESUMO

Partindo da importância que teve o livro *Mitologias*, de Roland Barthes, para a compreensão dos aspectos ideológicos veiculados pelos signos alçados a uma nova significação, bem como da repercussão que teve este livro no Brasil, através do trabalho de muitos leitores de Barthes, este artigo trata do próprio conceito de mito e de questões ligadas a sua constituição como a *farsa* ou a *motivação*, para aplicá-los à análise do contexto brasileiro, mais especificamente no que diz respeito às declarações do governante brasileiro sobre assuntos diversos que, segundo o ponto de vista da obra de Barthes, fortalecem estereótipos que tentam fazer parecer natural a retórica do capitalismo contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roland Barthes; Mitologias; Mito; Farsa.

### ABSTRACT

Starting from the importance of the book *Mythologies*, by Roland Barthes, for the understanding of the ideological aspects conveyed by the signs raised to a new meaning, and the repercussion that this book had in Brazil, through the work of many readers of Barthes, this article deals with the very concept of myth and issues related to its constitution as the *scam* or the *motivation*, to apply them to the analysis of the Brazilian context, more specifically regarding the statements of the Brazilian ruler on various subjects that, from the point of view of Barthes's work, they strengthen stereotypes that try to make the rhetoric of contemporary capitalism seem natural.

**KEYWORDS:** Roland Barthes; Mythologies; Myth; Scam.

*“Remontar o tempo sofrido: elevar sua cólera  
à altura de um pensamento, seu pensamento  
à altura de uma expressão, sua expressão  
à altura de um olhar (...) desmontar sua ordem,  
remontar sua coerência oculta (...)”*  
G. DIDI-HUBERMAN

Quando leio ou releio Leda Tenório, Leyla Perrone-Moisés, entre tantos outros leitores e leitoras de Roland Barthes no Brasil, fico pensando como eles, hoje, veriam o que está acontecendo na cultura e na política de nosso país, quando uma parte da sociedade fala e grita nas ruas: “Mito!”.

---

\*  
 [veracasanova1@gmail.com](mailto:veracasanova1@gmail.com)

Como desmistificar esse discurso, enquanto preso a conceito que nem mesmo Lévi-Strauss ou Barthes, ou qualquer outro mitólogo ou semiólogo, poderiam pensar no uso da palavra “mito” que se faz no meio operário ou no da classe média em conversas, nas manifestações, nas redes sociais, etc.? Será preciso mesmo armar os olhos, não só abrir os olhos, para poder ver quando o “humilhado olha o humilhado” (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 206)!

Como ler a partir do uso da palavra *mito*, o grito de parte de uma população que tem os olhos fechados? Compreender os gestos e o pensamento do/sobre o poder? Abrir o visível, a partir do pensamento barthesiano, quando da análise das imagens do mundo e da barbárie. Voltar no tempo, décadas de 1960, 1970, (quando líamos Barthes) e, numa mesa de montagem, armar imagens e discursos presentes nos jornais, no *twitter*, no *Instagram*, ..., a partir de *Mitologias*, obra que resiste ao tempo.

Numa profusão de textos, que vão para o ralo da História, leitores acham graça no que é dito pelo “chefe da nação” e não observam ou não sabem que o chiste fala seriamente de coisas interditas.

O poder calcula tudo e não oculta a excrecência dos atos de fala. As *mise-en-scènes* do chefe, com seu humor tenso constituem alguns dos vetores do espetáculo político: piadas — são piadas?

O chefe, o “capitão”, é assim uma celebridade, bem ao gosto dos chapéus e botas de boiadeiros, fardoeste caboclo, cantores sertanejos da cultura de massa e “falsas louras”. Tudo cheira à arrogância. Lembro Barthes, que nos fala de um tipo de arrogância — o da Doxa, da opinião pública, o *consensus* pequeno-burguês e a violência dos preconceitos.

E a farsa? Diz-nos, ainda, Barthes:

Vivamente impressionado, outrora, impressionado para sempre por aquela ideia de Marx segundo a qual, na História, a tragédia às vezes volta, *mas volta como farsa* [...] A Farsa, por sua vez, volta mais baixo; é uma metáfora que se inclina, murcha e cai (que broxa) (BARTHES, 2003, p. 103. Grifos do autor)<sup>1</sup>.

Mas e o mito? O mito é despolitizado como afirma Barthes em *Mitologias*? Neste momento, o mito pode ser considerado politizado? Quando se aproveitam os restos de uma fala eleitoreira e se repetem, como num roteiro, gestos e falas que vão construindo, numa verdadeira

---

<sup>1</sup> Vivement frappé, autrefois, frappé à jamais par cette idée de Marx, que, dans l'Histoire, la tragédie parfois revient, *mais comme farce*. [...] La Farse, elle, revient plus bas; c'est une métaphore qui penche, se fane et choit (qui débände) (BARTHES, 1995, p. 85-86. Grifos do autor).

balela mitológica sublinhada por um tipo de emoção raivosa, o mito, que vai sendo planejado e administrado pelo poder constituído.

Saído das sombras do Congresso Nacional, para as luzes de chefe de Estado, o dono do poder parece acreditar que o mundo político é um espetáculo de *reality show*, quando joga com os recursos da surpresa e da emoção. Verdadeiro *kitsch* político, o discurso anacrônico se beneficia de uma corrente de reabilitação do discurso da ditadura dos anos 1960. O próprio Barthes nos lembra da motivação, elemento de significação: ela “não é ‘natural’, é a história que fornece à forma suas analogias”. E mais adiante: “a imprensa encarrega-se de demonstrar todos os dias que a reserva dos significantes míticos é inesgotável” (BARTHES, 1987, p. 148. Aspas do autor.)<sup>2</sup>.

“Tudo pode ser mito”, diria Barthes (1987, p. 131)<sup>3</sup>, e quem o produz? Se pensarmos no significante do mito, ele é inexplicável, com relação ao sentido e à forma. Trata-se de uma significação ambígua, como o próprio Barthes indica. Ler um mito engendrado pela cultura de massas, via redes sociais ou tv, não nos revela nenhum exemplo, nem símbolo, mas fetiche, como nos diz Maria Rita Kehl (2004) em *Videologias, ensaios sobre televisão* (aliás linda homenagem a R. Barthes).

Como desconstruir essa formação mítica, a partir dos discursos produzidos pelas mídias, sobre ele? Consumindo o mito, segundo sua própria figura.

Quando se pensa que o “mito é uma fala despolitizada”, pensa-se também na questão ideológica que ele engendra. O que Barthes nos diz é que a “ideologia burguesa [...] transforma a realidade do mundo em imagem do mundo” (BARTHES, 1987, p. 162)<sup>4</sup>. O que temos visto e ouvido das falas do poder é um constante desligamento entre significante e significado. Deslocam-se, todo o tempo, os sentidos. Em determinado momento é um sentido e, logo a seguir, acontece o desmentido. Tudo é passageiro, só que não é. A ideologia vai construindo o mito e os efeitos dos sentidos. O outro é “comunista”, ou melhor, “de esquerda”! Entre a seriedade e o (sor)riso irônico que permeia as fotos, tudo vai sendo “naturalizado”. Como o próprio Barthes indicava, a fala mítica se constrói sobre o roubo, a apropriação de linguagem. Roubada de uma fala popular, como lembramos do caso “fazer cocô dia sim, dia não” — sugestão dada pelo presidente da nação, em resposta a um repórter, como medida para redução

<sup>2</sup> [...] elle n'est pas “naturelle”: c'est l'histoire qui fournit à la forme ses analogies. [...] la presse se charge de démontrer tous les jours que la réserve des signifiants mythiques est inépuisable. (BARTHES, 2002, p. 839-840. Aspas do autor.).

<sup>3</sup> Tout peut donc être mythe? (BARTHES, 2002, p. 823)

<sup>4</sup> [...] l'idéologie bourgeoise [...] transforme la réalité du monde en image du monde. (BARTHES, 2002, p. 853).

da poluição. Não saber o que se está dizendo também faz parte do deslocamento a que Barthes se refere. Expressividade popular? Ou investimento na construção e autopromoção de imagem de ‘pessoa de poder, porém “simples” como o povo’? Ou preocupação com a própria doença que o leva frequentemente a cirurgias?

Outro aspecto a ser observado: “a burguesia como sociedade anônima”.

Barthes nos diz que o “a história condiciona o mito em dois pontos: na sua forma, que é apenas relativamente motivada; e no seu conceito, que é histórico por natureza” (BARTHES, 1987, p. 158)<sup>5</sup>. Quando pensamos no mito e ordem política, hoje vamos à nossa história — eivada de significações míticas.

Por mais que seja dado outro nome à nossa sociedade, ela guarda traços, signos, significantes de uma sociedade burguesa. “[...] diversos tipos de burguesia se sucederam no poder; mas o estatuto profundo permanece: um determinado regime de propriedade, uma determinada ordem, uma determinada ideologia” (BARTHES, 1987, p. 158)<sup>6</sup>.

Diferentemente da França, no Brasil os partidos são burgueses, mesmo que não se reconheçam como tal. O que manda é o jogo de interesses que se intensificam a olhos vistos. “[...] a burguesia apagou seu nome passando do real à sua representação, do homem econômico ao homem mental” (BARTHES, 1987, p. 158)<sup>7</sup>. Esse homem mental a que Barthes se refere, se locupleta em seu individualismo, em sua negação do outro, em seus fantasmas, em seu fascínio pelas mercadorias, privilegiando a aparência e humilhando o diferente.

As palavras do discurso de “Ordem” são as do capitalismo financeiro numa fase pós-selvagem, onde a nação se dilui, erigindo-a em seu uso. O vocabulário político da classe média e das elites é preso a uma ideologia “anônima”, que se constrói por formas normalizadas”.

Mas “o mito é uma fala despolitizada”? Parece contraditório o discurso de Barthes. Vejamos, ele nos diz: “[...] a função do mito é transformar uma intenção histórica em natureza, uma contingência em eternidade. Ora, este processo é o próprio processo da ideologia burguesa” (BARTHES, 1987, 162-163)<sup>8</sup>. E logo a seguir esclarece:

---

<sup>5</sup> Le mythe se prête à l'histoire en deux points: par sa forme, qui n'est que relativement motivée; par son concept, qui est par nature historique. (BARTHES, 2002, p. 849).

<sup>6</sup> [...] plusieurs types de bourgeoisie se sont succédé au pouvoir, mais le statut profond demeure, qui est celui d'un certain régime de propriété, d'un certain ordre, d'une certaine idéologie. (BARTHES, 2002, p. 849).

<sup>7</sup> [...] la bourgeoisie a effacé son nom en passant du réel à sa représentation, de l'homme économique à l'homme mental [...] (BARTHES, 2002, p. 849).

<sup>8</sup> le mythe a pour charge de fonder une intention historique en nature, une contingence en éternité. Or, cette démarche, c'est celle-là même de l'idéologie bourgeoise. (BARTHES, 2002, p. 853).

[...] política no sentido profundo, como conjunto das relações humanas em sua estrutura real, social, no seu poder de construção do mundo; é sobretudo necessário conferir um valor ativo ao sufixo *des*: ele representa aqui um movimento operatório, ele atualiza uma deserção. (BARTHES, 1987, p. 163)<sup>9</sup>.

Defecção, ou seja, abandono voluntário e consciente de uma obrigação ou compromisso em relação a uma pessoa, instituição, etc., uma deserção, um abandono da nação. E mais adiante: “Os homens não mantêm com o mito relação de verdade, mas sim de utilização: despolitizam segundo as suas necessidades” (BARTHES, 1987, p. 164)<sup>10</sup>.

A “insignificância política” do mito é tal que não se mostra consequente, mesmo que a classe média, ou melhor, a burguesia o forje e o construa incansavelmente. “Estatisticamente, o mito localiza-se na direita. Aí, ele é essencial: bem alimentado, lustroso, expansivo, falador, inventa-se continuamente” (BARTHES, 1987, p. 168-169)<sup>11</sup>.

Outro aspecto do mito mostrado por Roland Barthes é a “o imaginário coletivo é imunizado através de uma pequena inoculação de um mal reconhecido” (BARTHES, 1987, p. 170)<sup>12</sup>. Ora, o mal reconhecido pelo mito é o “esquerdista”, como chama todos aqueles que não pensam como ele.

Assim é a “privação da História”, é assim que ela “se evapora”. As conquistas sociais caem por terra e o autoritarismo se instala. Impotente para imaginar e criticar autonomamente, a sociedade manipulada por *fake news* — auxiliada pela mídia, que o erige como “o mito” —, torna-se cega, ignorando e negando qualquer discurso que não seja o da “Ordem” qualificada por ele.

Esses são alguns aspectos indicados por Roland Barthes, entre 1954 e 1956 em seu livro *Mythologies* (publicado pela primeira vez na França, em 1957, pela editora *Les Lettres Nouvelles*), quando de sua análise da cultura burguesa francesa. Trata-se de uma crítica ideológica sobre a linguagem da cultura de massa. A preocupação de Barthes naquela década era com a mistificação que transforma a cultura política em natureza universal. Aspectos que tentei aqui aproximar do nosso real, com as alterações que o momento histórico brasileiro

---

<sup>9</sup> [...] *politique* au sens profond, comme ensemble des rapports humains dans leur structure réelle, sociale, dans leur pouvoir de fabrication du monde; il faut surtout donner une valeur active au suffixe *dé*: il représente ici un mouvement opératoire, il actualise sans cesse une défection. (BARTHES, 2002, p. 854).

<sup>10</sup> Les hommes ne sont pas avec le mythe dans un rapport de vérité, mais d'usage: ils dépolitisent selon leurs besoins [...]. (BARTHES, 2002, p. 855).

<sup>11</sup> Statistiquement, le mythe est à droite. Là il est essentiel: bien nourri, luisant expansif, bavard, il s'invente sans cesse. (BARTHES, 2002, p. 859).

<sup>12</sup> On immunise l'imaginaire collectif par une petite inoculation de mal reconnu [...]. (BARTHES, 2002, p. 861).

possibilita e o deslocamento que o capitalismo contemporâneo, por meio de sua produção de imagens e de retórica, instaura o mito político.

Se é válido ou não, assumo a responsabilidade a partir do lugar de onde escrevo, que é o lugar da semiologia ou da semioclastia.

## Referências

BARTHES, Roland. *Mitologias*. 7. ed. Trad. Rita Buongermino; Pedro de Souza. São Paulo : DIFEL, 1987.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes par Roland Barthes*. 2. ed. Paris : Seuil, 1995.

BARTHES, Roland. *Mythologies*. In : \_\_\_\_\_. *Œuvres complètes*, tome 1. Paris : Seuil 2002. p. 669-870.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre a televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Remontagens do tempo sofrido – O olho da história*, II. Tradução de Márcia Arbex e Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.